

## Do E-mail ao *Whatsapp*: trajetórias de comunicação e de mobilização social da Rede de Comunicadores Solidários<sup>1</sup>

Lourdes Ana Pereira Silva, docente da Universidade Santo Amaro – Unisa/SP  
Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante, docente da Universidade Federal do Ceará

**Resumo:** Este artigo<sup>2</sup> tem por objetivo principal recuperar a trajetória da Rede de Comunicadores Solidários por meio da técnica da observação participante. Integram ainda os objetivos: i) compreender a relação entre a Rede e os usos das tecnologias da informação e da comunicação no meio digital, em particular no E-mail e no *WhatsApp*; ii) entender como essas tecnologias se constituíram como elementos central e identitário para a mobilização da Rede nas formas contemporâneas de participação social. Entre os resultados, destacamos a identificação das três fases: na primeira, a ação comunitária do voluntariado em prol das comunidades da Pastoral da Criança do Brasil; na segunda fase projetos desenvolvidos com parceiros da sociedade civil como o Fundescola e o Unicef e; a terceira fase, em exercício, transita entre as dimensões interna e externa, de acolhimento na ambiência do *Whatsapp*, mas também em ações comunicativas a exemplo da produção dos programas do *Fio da Comunicação*.

**Palavras-chave:** Mobilização social; Recomsol; Rede de Comunicadores Solidários; Comunicação; Identidade.

### Introdução

A trajetória da Rede de Comunicadores Solidários<sup>3</sup>, Recomsol, a ser relatada neste artigo, parte do desejo de fazer uma retrospectiva dessa experiência que em 2021 completa 27 anos. O movimento de olhar para o passado nos permite identificar os elos que, mesmo quase duas décadas depois, permanecem ativos e fazem essa experiência ser tão potente, significativa e contemporânea, nos fazendo intuir que além das ações de comunicação empreendidas pelo grupo durante o período de existência da Rede, foram constituídos vínculos duradouros de amizade, fortalecidos pela dimensão da mística cristã, um dos pontos fortes que também marcou a caminhada da Rede e que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT COMUNICAÇÃO CIDADÃ: GÊNERO, RAÇA, DIVERSIDADE E REDES COLABORATIVAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2020-2021, de 22 a 24 de junho de 2021, na modalidade online – realizada ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã e UNESP – Universidade Estadual Paulista / FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Departamento de Comunicação social.

<sup>2</sup> Agradecemos e reconhecemos que produção deste artigo é fruto de um trabalho colaborativo, visto que contou com a contribuição valorosa de alguns integrantes da Rede.

<sup>3</sup> Nomeada quando da sua constituição como Rede de Comunicadores Solidários à Criança, pela sua vinculação à Pastoral da Criança, em 2001 passa a identificar-se como Rede de Comunicadores Solidários, ao ampliar sua área de atuação para outros segmentos sociais, além das crianças.

resistem ao tempo e à distância. Em consonância com Bondia (2002, p.21), entendemos essa experiência da Recomsol, “como algo que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca” com muita intensidade ainda hoje.

O presente relato foi produzido em diálogo com as contribuições de Freire, especialmente da dialogicidade (1982; 2008), de redes solidárias na perspectiva de Mance (2000), de mobilização social proposta por Toro e Werneck (1997) e de estudos identitários com Woodward (2000). Tomamos como referência os escritos de integrantes da Recomsol, Pichelli e Rabelo (2001); Suzina (2001) e Lacerda (2003).

No que se refere às estratégias metodológicas, esta é uma pesquisa qualitativa, isto é, enfatiza o processo vivenciado pelos sujeitos. As pesquisas desse tipo de abordagem se caracterizam por seu caráter multimetodológico, uma vez que se utilizam de um número variado de métodos, técnicas e instrumentos de coleta de dados. Neste trabalho, optamos pela observação participante, técnica esta discutida por vários autores. Na concepção de Haguette (1987) esta técnica “[...] representa um processo de interação da teoria com métodos dirigidos pelo pesquisador na busca pelo conhecimento não só da perspectiva humana como na própria sociedade”; Para Mazzotti e Cewndsznajder (1998), “[...] na observação participante o pesquisador se torna ponte da situação observada [...], buscando partilhar seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela determinada situação, valorizando assim o instrumento humano; possibilita que o pesquisador descubra como algo efetivamente funciona ou ocorre”. Para Uwe Flick (2009, p. 207), a forma de observação mais usual na pesquisa qualitativa é a observação participante. O autor destaca a definição feita por Denzin, para quem “[...] A observação participante é definida como uma estratégia de campo que combina, simultaneamente, a análise de documentos, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação direta e a introspecção”.

No que diz respeito à condução da técnica, as delimitações se fazem necessárias. Flick (2009, p. 207) chama atenção para nove dimensões propostas por Sprandley, descritas para situações sociais: 1) o espaço: local, os locais físicos; 2) ator: as pessoas envolvidas; 3) atividade: um conjunto de atos relacionados realizados pelas pessoas; 4) objeto: as coisas físicas que estão presentes; 5) ato: ações individuais realizadas pelas pessoas; 6) evento: um conjunto de atividades relacionadas executadas pelas pessoas; 7) tempo: o sequenciamento que acontece ao longo do tempo; 8) objetivo: as coisas que as pessoas tentam alcançar; 9) sentimento: as emoções sentidas e manifestadas.

Quanto as estratégias metodológicas utilizadas para coletar os dados, optamos principalmente pela observação indireta, desse modo, realizamos um levantamento para identificar o que já havia de produção bibliográfica sobre a Rede. Nessa etapa foi possível identificar dez trabalhos, conforme pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 1 – Levantamento de trabalhos publicados sobre a Rede de Comunicadores

Ano	Autoria	Artigo/Capítulo
2001	Kátia Pichelli Desirée Rabelo	A construção da comunicação para a mobilização na Rede de Comunicadores Solidários da Pastoral da Criança
2001	Juciano de Sousa Lacerda	Movimentos sociais, redes e comunidades virtuais: um olhar sob vários ângulos da Rede.
2001	Ana Cristina Suzina et al.	Dicas para Comunicadores Populares
2002	Juciano de Sousa Lacerda	A internet na gestão dos movimentos sociais. Estudo de caso das estratégias discursivas da Rede de Comunicadores Solidários à Criança.
2002	Ana Cristina Suzina	As redes sociais de comunicação e o agendamento temático positivo
2002	Juciano de Sousa Lacerda	Todos nosotros que sustentamos la Red - Los vínculos culturales de la Red Brasileira de Comunicadores Solidarios de la Niñez.
2003	Juciano de Sousa Lacerda	Redes digitais de solidariedade social: as estratégias e táticas de produção de significação em redes sociais de comunicação mediados pelo digital: um estudo de caso da Recomsol – Rede Comunicadores Solidários à Criança.
2004	Ana Cristina Suzina	Cidadania alternativa na comunicação: Rede Brasileira de Comunicadores Solidários à Criança.
2005	Desirée Rabelo Ana Cristina Suzina	A comunicação e os comunicadores na Pastoral da Criança
2006	Ana Cristina Suzina	Informação e cidadania: o papel da disseminação de conhecimento na transformação social
2011	Juciano de Sousa Lacerda	A construção de vínculos e coletivos em território digitais: o caso Recomsol - Rede de Comunicadores Solidários.

Fonte: as autoras (2021).

Além de trabalhos publicados, buscamos também outros registros, a exemplo de relatórios, certificados de cursos, da plataforma Lattes, *lives*, textos internos, cartilhas, *post* no *WhatsApp* e interlocuções com os participantes da Rede.

O presente relato encontra-se organizado em três seções, além desta Introdução e das Considerações finais. Na primeira descrevemos a criação da Rede de Comunicadores Solidários a partir da articulação entre a Pastoral da Criança e a União Cristã Brasileira de Comunicação Social<sup>4</sup> instituição que “[...] Durante toda a década de setenta e, em parte, de oitenta, foi, talvez, o principal lugar do debate possível sobre democratização e, como fonte e consequência, sobre políticas participativas de comunicação”. (HARTMANN, 1997, p. 2).

<sup>4</sup> Entidade de referência da comunicação brasileira, fundada em 1970, durante a ditadura militar, com atuação ecumênica e de vanguarda, em defesa da democratização da comunicação. Foi pioneira na formação de comunicadores populares e na realização de projetos, a exemplo da proposta de Leitura Crítica da Comunicação, na década de 1980.

Na seção seguinte apresentamos a experiência de consolidação da Rede evidenciando sua prática comunicacional a partir da realização de projetos desenvolvidos em parceria com o Unicef e o Fundescola/Ministério da Educação e por último, o reencontro da Rede em contexto pandêmico que possibilitou a retomada de projetos coletivos, a exemplo da série de programas *Fio da Comunicação* disponibilizados na plataforma Youtube.

### **Era uma vez uma rede: trajetórias e práticas comunicacionais no âmbito da Pastoral da Criança**

Os versos do poeta Francisco Moraes (2003) traduzem o sentido de acolhimento da Rede de Comunicadores Solidários, Recomsol: “*Entre tantas redes, uma rede de pescar gente; rede de nutrir esperanças; rede de espalhar a boa notícia, rede de comunicar bem.*”

A Recomsol foi cuidadosamente tecida por muitas mãos, por homens e mulheres de todos os estados do Brasil, com trajetórias diversas, gentes dos movimentos sociais, das pastorais, dos meios de comunicação tradicionais, dos espaços acadêmicos, que se mobilizaram para que as crianças tivessem vida em abundância, como preconizava o lema da Pastoral da Criança, e em articulação com a União Cristã Brasileira de Comunicação Social.

A constituição da Recomsol se insere no que Mance (2000) nomeia como Redes de Colaboração Solidária, na qual pessoas são articuladas para contribuir com projetos que visam o bem-estar social de determinado grupo ou comunidade. Essa articulação, além de promover o intercâmbio de ideias, fortalece as pessoas, os projetos e os grupos envolvidos.

Em 1994, em Curitiba-PR, comunicadores, jornalistas e radialistas indicados pelas coordenações estaduais da Pastoral da Criança, ouviram atentos à proposta da constituição de uma rede de voluntários dedicados a comunicar a esperança de salvar vidas de crianças e gestantes com tecnologias sociais como o soro caseiro e as visitas domiciliares mensais para acompanhamento da amamentação, da vacinação, do peso, entre outros aspectos da saúde dos bebês até um ano de vida. Esse momento, considerado como marco de fundação da Rede de Comunicadores, foi conduzido pelo jornalista Elson Faxina, então assessor de comunicação da Pastoral da Criança. O grupo foi apresentado ao trabalho da Pastoral da Criança e saiu de lá encantado e comprometido com a missão que lhe foi atribuída com muita honestidade e transparência, a divulgação das ações realizadas pela Pastoral da Criança nos seus estados de origem. “A mobilização social não é uma oportunidade de conseguir pessoas para ajudar a viabilizar sonhos, mas de congregar pessoas que se dispõem a contribuir para construção de um sonho, que passa a ser de todos” (TORO; WERNECK, 1997, p. 21).

As ações de comunicação a serem desenvolvidas nos estados teriam todo o suporte da equipe de comunicação da Pastoral da Criança que além do trabalho de assessoria produzia um jornal

bimestral destinado às líderes comunitárias, o *Jornal da Pastoral da Criança* e acompanhava a produção do programa radiofônico semanal *Viva a Vida*, enviado para emissoras comunitárias, educativas e comerciais de todo o Brasil.

A Pastoral da Criança, órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, foi fundada em 1984 no Paraná pela médica pediatra e sanitarista Zilda Arns, com o objetivo de combater a mortalidade infantil e que foi se ampliando para cuidados integrais com as gestantes e seus bebês. O trabalho de base comunitária foi se constituindo como referência na prevenção da mortalidade de crianças, no incentivo ao aleitamento materno, na redução de casos de desnutrição, entre outras ações, e devido ao êxito alcançado, aos poucos foi se espalhando para todo o Brasil. No ano 2000, por exemplo, a Pastoral da Criança chegou a acompanhar mais de 1 milhão e 500 mil crianças e aproximadamente 80 mil gestantes (PICHELLI; RABELO, 2001).

Com atuação exitosa e reconhecimento nacional e internacional, a Pastoral da Criança recebeu diversos prêmios pela redução da mortalidade e desnutrição infantil, combinando a metodologia de visitas domiciliares para acompanhamento de bebês e gestantes com ações de comunicação especialmente voltadas às lideranças comunitárias, como já mencionado, o programa de rádio *Viva a Vida* que chegou a ser distribuído para 1.230 emissoras e o *Jornal da Pastoral da Criança*, com distribuição bimestral pelo correio e tiragem de cerca de 230 mil exemplares (PICHELLI; RABELO, 2001).

Com o tempo, a ampliação do grupo e o amadurecimento das ações, a Rede de Comunicadores e foi estruturada pelas áreas de Rádio, Assessoria de Comunicação e Mobilização Social e Comunicação Pessoal e Grupal, organizada com participação de representantes de 23 estados, que constituíam a rede nacional e representantes que atuavam diretamente nas paróquias e dioceses junto às lideranças da Pastoral da Criança, formando as redes estaduais, reunindo ao todo, 500 integrantes, entre radialistas, jornalistas e comunicadores populares em todo o Brasil (LACERDA, 2003). Essa organização por áreas favoreceu a produção de vários materiais de apoio, escritos coletivamente pelos integrantes da Rede para subsidiar o trabalho das equipes estaduais, a exemplo das cartilhas de rádio e de comunicação pessoal e grupal, que ainda que não tenham sido impressas, circulam pelos grupos e fragmentos desses documentos podem ser encontrados na internet<sup>5</sup>.

Os encontros anuais da Rede de Comunicadores se constituíam em momentos de avaliação dos trabalhos realizados nos estados, de planejamento de novas ações, de formação para as equipes de Rádio, Assessoria de Comunicação e Mobilização Social e Comunicação Pessoal e Grupal e principalmente do fortalecimento de vínculos. O processo formativo empreendido nas capacitações

---

<sup>5</sup> Disponível em <<https://pdfcoffee.com/dicas-para-comunicadores-populares-ucbc-pdf-free.html>>; e <<https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Comunica%C3%A7%C3%A3o-Pessoal-e-Grupal-Na-Pastoral/416960.html>>. Acesso em: 20 maio 2021.

promovidas nos encontros nacionais e depois compartilhadas com as equipes estaduais estava assentado na perspectiva de Paulo Freire, entendendo que “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (1982, p. 69).

Lacerda (2003) identifica o ethos da Recomsol como voltado para a comunicação solidária:

Os vínculos simbólicos construídos na *Recomsol* – para aproximar, reconhecer, compartilhar sentidos – regem as práticas comunicacionais e os modos de encontrar-se e atuar nos ambientes que ocupam. Três desses vínculos correspondem às significações da ação construídas nos ambientes de comunicação da Rede, que possibilitam as *relações afetivas*, a *liberdade para expressar-se e legitimar-se*, os *momentos de dinâmica de grupo*, *encontros e espaços de lazer*. Dois desses vínculos dizem respeito às representações que movem os sujeitos individuais em direção ao coletivo, cuja chave é a comunicação solidária: a *ação de fazer comunicação para a mudança social* e o *poder articular demandas sociais e individuais em torno da solidariedade na comunicação* (p.17).

Ao longo do ano o contato entre os integrantes da Rede de Comunicadores e a equipe de comunicação da Coordenação Nacional da Pastoral da Criança se dava principalmente por meio da *Comunicalist*, lista de e-mails que reunia todo o grupo e onde era compartilhado o andamento das atividades. Para que os integrantes da rede tivessem acesso à lista por meio de um endereço eletrônico, a Coordenação Nacional da Pastoral da Criança fez contatos com provedores de acesso à internet nos estados para que cedessem gratuitamente contas para viabilizar a atuação do grupo. Para muita gente, essa foi a primeira oportunidade de ter um e-mail e participar do mundo da comunicação digital.

Pesquisa realizada por Lacerda (2003) apontou que a lista de e-mails da Rede de Comunicadores, a *Comunicalist*, atuava como elemento de integração entre os participantes da Rede, “*como um novo lugar de produção de significações, em cujo ambiente digital os participantes desenvolvem táticas e estratégias de comunicação fazem usos e apropriações específicos, fortalecem e ou desenvolvem sentidos de pertencimento ao grupo muito além de uma rede de trabalho voluntário*” (p.7).

Essa noção de sentimento de pertencimento também é observada em Suzina (2002), quando a autora refere-se ao que nomeia de “agendamento temático positivo” para referir-se à capacidade da Rede em despertar pautas regionais ou nacionais e aproveitar espaços nos meios de comunicação para inserir relatos de experiências comunitárias de sucesso, histórias em que o protagonismo de famílias e lideranças empobrecidas se constituíram em diferencial de transformação comunitária e, conseqüentemente, em mobilização social.

Mudanças internas na Coordenação Nacional da Pastoral da Criança, em 2002, afetaram significativamente a dinâmica da Rede de Comunicadores que aos poucos vai se distanciando da relação com a Pastoral da Criança. Com esse desligamento, a Rede ficou sem o seu produtor social<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Cf. Toro e Werneck (1997, p.38), produto social é a pessoa ou instituição que tem a capacidade de criar condições econômicas, institucionais, técnicas e profissionais para que um processo de mobilização ocorra.

No processo de mobilização social o papel do produtor social é essencial. Cabe a ele identificar quais os reeditores que, em seu campo de atuação, podem contribuir para aprofundar e viabilizar as metas a que se propõe a mobilização. Não é possível fazer uma mobilização se não podemos localizar no tempo e no espaço os reeditores que podem atuar e contribuir para seus objetivos (TORO; WERNECK, 1997, p.43).

Nesse contexto de mudanças e incertezas, a Rede foi abrigada institucionalmente na União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC), com quem já mantinha vínculos e intensifica essa relação, fortalecendo o compromisso com a comunicação solidária e fazendo articulações com outras entidades para a realização de projetos. Importante destacar que foi essa relação da Rede com a UCBC que possibilitou a manutenção de alguns encontros regionais e nacionais, graças à realização dos Mutirões de Comunicação<sup>7</sup>, eventos bienais de formação e reflexão, com participação de comunicadores de todo o Brasil e que impulsionaram as ações da Recomsol, como o Mutirão da Comunicação realizado em Salvador, em 2003, com ampla participação dos membros da Rede e em 2005, em Vila Velha. É sobre esse novo momento da Recomsol que comentamos na próxima seção.

### **No balanço da rede: os projetos desenvolvidos em âmbito nacional**

Uma das principais conquistas do processo de constituição da Rede de Comunicadores Solidários, como apresentado no tópico anterior, foi, sem dúvida, a formação e o impulsionamento de comunicadores comprometidos com a comunicação solidária e a transformação social, e que devido à essa trajetória, e com a experiência acumulada no processo formativo de comunicadores populares, participou ativamente de dois projetos de capacitação de radialistas. Em parceria com o FUNDESCOLA/MEC atuou na formação de radialistas de todo o país contribuindo com a constituição da *Rede de Radialistas pela Educação*, ação articulada pela União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC) e outros parceiros como ALER/Brasil - Associação Latino-americana de Educação Radiofônica, AMEPPE – Associação Movimento de Educação Popular Integral Paulo Englert, vinculada à Fundação Fé e Alegria do Brasil e Rádio Extra Comunicação.

Integrantes da Recomsol definiram coletivamente uma metodologia de trabalho para esse momento da capacitação, considerando toda a bagagem das ações realizadas nos momentos formativos com as equipes da Pastoral da Criança e, organizados em duplas de formadores realizaram, no ano 2000, dezenove oficinas nas seguintes capitais: Salvador, Cuiabá, Campo Grande, Natal,

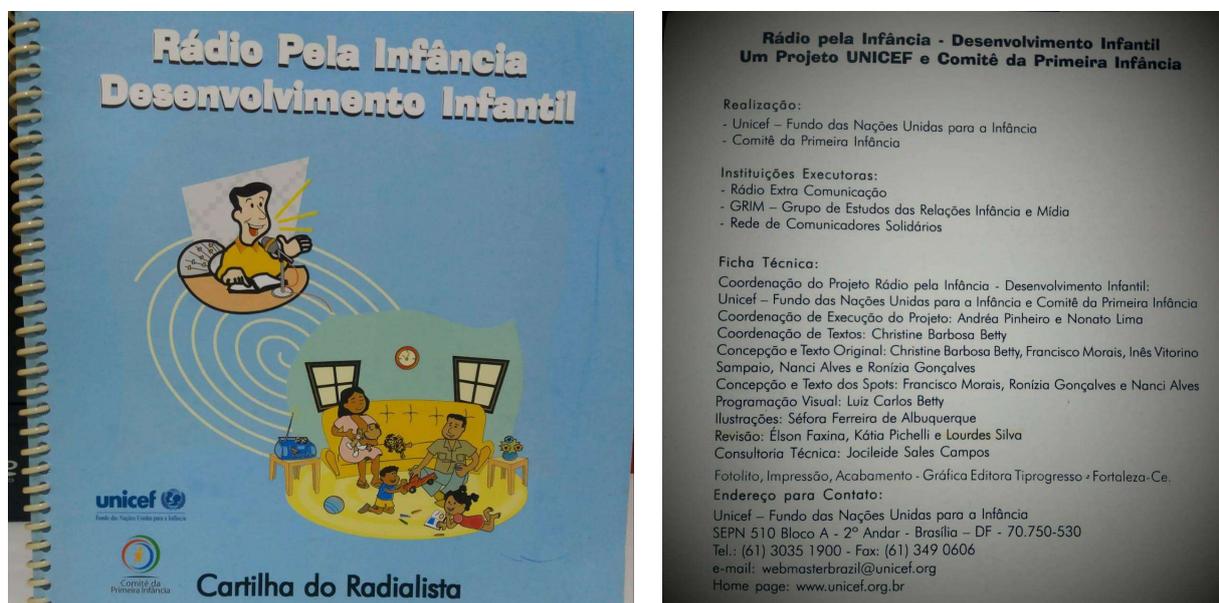
---

<sup>7</sup> A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil deu continuidade aos grandes congressos promovidos pela União Cristã Brasileira de Comunicação Social por meio dos Mutirões Brasileiros de Comunicação. Estes congressos, inicialmente promovidos pela UCBC, tiveram início nos anos 70 e começo da década de 80, onde era discutido a participação popular na vida política e a democratização das comunicações.

Teresina, Fortaleza, São Luís, Maceió, Palmas, Belém, Macapá, João Pessoa, Rio Branco, Porto Velho, Recife, Goiânia, Boa Vista, Manaus e Aracaju. Nas oficinas os radialistas receberam a *Cartilha do Radialista – Educação para todos, um desafio de comunicação* e durante o período do projeto, receberam mensalmente via os Correios, o Boletim *Educação no Ar* que era enviado aos participantes de todas as oficinas.

Outro projeto empreendido pela Rede de Comunicadores foi a *Rede de Rádio pela Infância*, em 2003, realizado em parceria com o Unicef – Fundo das Nações Unidas para a Infância e Comitê da Primeira Infância, União Cristã de Comunicação Social- UCBC, Rádio Extra Comunicação e GRIM – Grupo de Estudos das Relações Infância e Mídia.

Imagem 1 - Cartilha *Rádio pela Infância*



Fonte: arquivo pessoal das autoras (2021).

A ação envolveu a realização de oficinas com comunicadores do rádio em todas as regiões do Brasil com o objetivo de sensibilizá-los para a questão do desenvolvimento infantil. As oficinas tiveram como fio condutor a cartilha *Rádio pela Infância - Desenvolvimento Infantil*, produzida pela Rede de Comunicadores, com informações sobre o tema a partir do olhar de médicos, psicólogos, psicopedagogos e comunicadores. Como parte do material, os radialistas receberam também um CD com trinta spots, alguns com depoimentos de artistas e outros com dramatizações sobre o dia a dia da criança na família, na escola e na comunidade.

Esses projetos fortaleceram ainda mais a atuação da Recomsol no Brasil, ampliaram as ações de comunicação solidária para outros segmentos, como os radialistas que participaram dos processos formativos nos projetos citados. Tal fortalecimento implicou na participação de parte de integrantes

na gestão da União Cristã Brasileira de Comunicação Social até 2010 quando a UCBC encerrou suas atividades, após 40 anos de existência.

A ausência de uma estrutura de apoio institucional com recursos financeiros e uma equipe dedicada ao trabalho de articulação junto à Rede, somado a outros fatores, levou à desmobilização da Rede de Comunicadores, cujos membros continuaram mantendo contatos esparsos entre si, como aconteceu com o reencontro de vários integrantes no Mutirão de Comunicação realizado em Natal, em 2013, mas sem realizar projetos coletivos. Esse quadro sofre alterações quando do reencontro em 2020 e o grupo produz um conjunto de programas sobre comunicação para o Youtube. Essa retomada será comentada na próxima seção.

### **O reencontro da Recomsol no *Whatsaap*: de mensagem em mensagem também se faz mobilização social**

O contexto da pandemia Covid-19 possibilitou o reencontro virtual de muitas pessoas e grupos, com a Rede não foi diferente. A criação do grupo Recomsol no *Whatsaap*<sup>8</sup> permitiu que alguns participantes se reencontrassem no início de 2020, possibilitando desse modo que a Rede se rearticulasse, se reconhecesse em suas trajetórias pessoais, comunitárias e comunicacionais e restabelecesse conexões em prol do seu objetivo inicial e, aos poucos, reativasse seu caráter mobilizador. Dizer quem somos e como somos não é monólogo, é diálogo, uma vez que o *Eu* se constitui na relação com o *Outro*, isto significa pensar a identidade como uma questão de comunicação, resultante de interações entre pessoas e grupos. Considerando tais aspectos, podemos caracterizar os integrantes da Rede de Comunicadores a partir da trajetória das três fases já mencionada, mas nos deteremos, em especial, nesta última fase, a do reencontro no *WhatsApp*.

Dessa maneira, nesta fase da Rede, convém descrever o perfil dos seus participantes do seguinte modo: 33 pessoas integram o grupo no aplicativo na faixa etária de 40 a 65 anos, destas, 20 do gênero feminino e 13 do masculino. A Rede na sua atual configuração continua tendo capilaridade em todas as regiões do país: Nordeste (13), Sudeste (06), Sul (07), Norte (03) e Centro-Oeste (02). Alguns integrantes vivem atualmente em outros países (03). Nesta fase, uma parte significativa da Rede reside nas capitais brasileiras e a grande maioria continua atuando na perspectiva da comunicação solidária. Considerando a gênese da Rede, os participantes são de denominação (ou confissão) cristã. No que concerne à escolaridade, a maioria possui Ensino Superior e Pós-graduação. Quanto à profissão, a maioria tem formação e atuação no campo da comunicação com destaque à docência universitária e a setores de comunicação em ambientes públicos, privados, corporativos e religiosos.

---

<sup>8</sup> O WhatsApp foi desenvolvido em 2009 e cada vez mais tem se constituído um aplicativo indispensável nas rotinas dos usuários. Em 2017 o aplicativo incluiu o recurso de criação de grupos.

A diversidade de gênero, origem, idade, entre outros, que permeia a Rede, contribui para compreender seu caráter heterogêneo. Essa heterogeneidade continua possibilitando uma estrutura descentralizada, com articulações e organizações horizontais, sem um centro específico, sem hierarquias, cujas atividades, informações e poder são distribuídos e descentralizados.

É fato que a comunicação é essencial para a existência e para a formação da nossa identidade individual e coletiva. No percurso trilhado pelos integrantes da Rede é bastante usual que seus membros evidenciem o caráter relacional (WOODWARD, 2000) da identidade. O testemunho de A.P. (CE)<sup>9</sup> contribui para exemplificar isto: “[...] *a Recomsol me impactou e me fez repensar minha vida profissional, vejo na docência meu modo de agir na sociedade*”. Refletir sobre o que somos, mas em especial, como somos e porque somos, torna-se uma questão essencial uma vez que isto nos faz produzir sentidos sobre nossas práticas e nossas relações sociais. Ainda sobre a dimensão coletiva da Rede, C.P. (BA) a compreende a partir de dois eixos: a relação entre comunicação e educação e a força do trabalho voluntário. “*A grande liga dessa Rede é ter um propósito, é modificar. Modificar realidades por meio da mobilização social*”.

Os dois relatos evidenciam o quanto a identidade é relacional e o quanto a autoria da história se dá na coletividade, ou seja, o *Eu* e o *Outro* se retroalimentam e definem suas identidades a partir de um conjunto de relações com outras pessoas, movimentos e coisas. O relato de H. R. (MG) destaca a construção pessoal e, principalmente coletiva da Rede ao afirmar que “[...] *me descobri comunicadora antes mesmo de me tornar jornalista. Pensar a comunicação a partir de processos foi uma grande contribuição da Recomsol para minha pessoa*”. A opção pelo curso de Comunicação desta participante, precedeu à sua participação na Rede.

É fato que as interações provocadas pelas novas tecnologias criam demandas e necessidades de práticas de uso da linguagem em micro e macros espaços. A construção de sentidos e identidade no ciberespaço é uma característica fundamental para o bom uso das mídias digitais e abrem possibilidades para a valorização de formas diversificadas de linguagem, a exemplo do *Whatsapp*. Consideramos que as mídias digitais produzem e contribuem para novas formas de linguagem, uma vez que as relações passam a coexistir e, conseqüentemente, a linguagem utilizada se modifica. No caso da Rede, o aplicativo tem permitido não apenas falar, mas ouvir e também transformar, uma vez que tem gerado processos colaborativos. Pelo menos foi o que testemunhou um dos integrantes: “[...] *a essência e o aparato da Rede coloca em foco a importância e a necessidade do ver, ouvir e sentir, o que nos leva a dizer*” (M.D, RN). Os discursos e os sistemas de representação, conforme nos lembra

---

<sup>9</sup> Os depoimentos foram coletados em uma *live* realizada pela Rede de Comunicadores Solidários realizada em junho de 2020.

Woodward (2000, p.17), constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Considerando tais aspectos, convém destacar que o uso do *Whatsapp* na ambiência da Recomsol, não é compreendido e não tem se limitado à uma ferramenta, mas, a uma possibilidade comunicativa que produz mobilizações na Rede, isto é, uma ambiência onde os atores sociais se reúnem, estabelecem trocas, laços de amizade e interações sociais conforme destacou uma integrante ao resgatar a trajetória do grupo: “[...] sabíamos o que fazíamos, porque e para que fazíamos. Havia o caráter técnico da ação, mas também o afetivo” (K.P., PR)<sup>10</sup>. Outro integrante corrobora com essa percepção ao resgatar os processos comunicativos vivenciados pela rede e mediados pelas tecnologias “[...] não só o *Comunicatist*, mala direta, encontros anuais e, no contexto de hoje, por meio do aplicativo *Zoom*, reunindo 21 pessoas [referência à *live* realizada no início da pandemia, **Grifo nosso**]. Tudo isto se traduzindo em ganho simbólico, seja por meio da redução da mortalidade infantil, seja por um modelo de comunicação peculiar experienciado no âmbito da Rede” (J.L., PB).

Se por um lado as tecnologias de comunicação e informação contribuíram para esse reencontro nesta terceira fase, por outro verificamos os limites para uma participação mais efetiva, que transcende as tecnologias, conforme sinalizados por Toro e Werneck (1997) no tocante à mobilização social.

Dando seguimento aos embalos da Rede foi criado o programa *Fio da Comunicação* que teve/tem por objetivo apresentar, encontrar e debater com atores sociais, práticas de comunicação solidária. Ou seja, *lives* que visibilizaram experiências de comunicação horizontais e que almejavam refletir, problematizar e transformar a realidade. Um dos princípios norteadores da produção do programa, ressaltavam os princípios iniciais da rede, qual seja, estar aberta às diversas áreas e segmentos, no entanto, podemos afirmar que a ênfase maior concentra-se principalmente a partir de dois eixos: a participação de comunicadores populares; a participação de organizações, públicas ou privadas (PICHELLI; RABELO, 2001).

No primeiro eixo, referente à participação de comunicadores populares, o propósito maior é contribuir para maior visibilidade da atuação destes atores e das suas histórias que sempre mostram que é possível fazer uma comunicação diferente. Compreendemos que a crise sanitária e política que o país vivencia, bem como o contexto permeado pelo fenômeno das *Fake News* favoreceram o desejo de uma ação conjunta que resultou na produção do programa.

---

<sup>10</sup> Os depoimentos que ilustram este relato são oriundos de um texto intitulado “Embalos da Recomsol no Fio da Comunicação” produzido por uma das integrantes da Recomsol, a partir de uma *live* realizada pelo grupo em junho de 2020.

Considerando tais questões, o programa surgiu como contraponto face à realidade. O segundo eixo diz respeito à participação de organizações, públicas ou privadas, que buscam pensar/fazer uma comunicação diferente, dialogando com a comunidade, valorizando suas experiências e linguagens.

A série de programas do *Fio da Comunicação* foi produzida pela Recomsol em parceria com o Instituto Ubíqua<sup>11</sup>. Os programas foram produzidos e veiculados no primeiro semestre de 2020. A especificidade dos temas, conforme pode ser observado no Quadro 1, se justifica principalmente pela conjuntura, mas não somente. Os dias atípicos, as inquietudes, a liberdade de ir e vir e as tantas preocupações que têm afetado a população também tem possibilitado novas experimentações e trocas entre os integrantes da rede e para além dela.

Quadro 2 - Programa *Fio da Comunicação* produzidos no 1º semestre 2020

Nº	Temas
01	Comunicação solidária em tempos de COVID
02	Com tanta informação e desinformação como fica a comunicação?
03	Comunicação, Amazônia e pandemia. Como ficam os povos da floresta?
04	O fio invisível da comunicação pública
05	Comunicação nas periferias urbanas
06	Comunicação no interior
07	Violência contra a mulher: quebrando o silêncio
08	Comunicação e direitos das mães migrantes
09	Povos indígenas articulados em rede
10	Comunicação cidadã e tecnologia no contexto da pandemia
11	Comunicação solidária e meio ambiente

Fonte: As autoras (2021).

A diversidade temática dos programas e o tom que se optou por imprimir também nesse contexto, revelam a importância da inclusão e valorização de várias esferas da sociedade, permitindo que tais produções dialogassem diretamente com o cotidiano do país. Assim, evidenciamos o que realmente tornou-se mais latente, ou seja, a empatia, o afeto, o cuidado com o outro, a identidade de grupo, a inclinação para a fraternidade e a igualdade que não são apenas sentimentos e adjetivos, é também ação. As estratégias de redes solidárias, em geral, têm suas origens nas práticas do oprimido, ou ainda, dos sujeitos solidários a este. Compartilhamos da noção de Mance (2002, p. 27) quando afirma que “[...] a rede de colaboração solidária afirma-se no sentido da consciência humana. Nela, a vida é partilhada culturalmente, politicamente e mesmo economicamente. Há a expressão da subjetividade no sentido transformador e libertador [...]”.

<sup>11</sup> A Ubíqua é uma organização social, sem fins lucrativos, fundada em 2010 que tem por presidente um dos integrantes da Recomsol. A Ubíqua tem por propósitos “[...] compartilhar soluções, utilizar a conexão digital para estimular a conexão humana e promover a comunicação como direito, atuando de forma igualitária e inclusiva, com respeito à diversidade. Disponível em: <https://www.ubiqua.org.br/quem-somos>. Acesso em 13 maio 2021.

Com a retomada das articulações da rede a partir de 2020, além da produção do programa *Fio da Comunicação*, outros desdobramentos, ainda que indiretos, foram possíveis. Destacamos, por exemplo, pelo menos quatro ações: 1) *Seminário Paulo Freire Centennial* organizado pela Loughborough University London<sup>12</sup>, com a colaboração do Instituto Ubíqua; 2) o programa *Narrativas Audiovisuais* disponibilizado na plataforma YouTube, fruto de uma parceria entre o Grupo de Pesquisa Narrativas Audiovisuais e Cidadania da Universidade Federal do Paraná – UFPR e o Instituto Ubíqua<sup>13</sup>; 3) a produção de um livro sobre rádio para uma editora do sul do país; 4) e constituição da Rede de Comunicadores Amigos do Alcoólicos Anônimos no Rio Grande do Norte, com publicação periódica de um jornal. Cabe ressaltar que, em todas as ações e parcerias temos a participação efetiva e afetiva de integrantes da Recomsol.

### Considerações Finais

Este trabalho teve por principal objetivo recuperar a trajetória da Rede de Comunicadores Solidários por meio da técnica de observação participante. Um dos primeiros passos para o desenvolvimento desta investigação consistiu em identificar e categorizar três fases que nomeamos de: trajetórias e práticas comunicacionais no âmbito da Pastoral da Criança; projetos desenvolvidos em âmbito nacional e; reencontro da Recomsol no *Whatsaap*.

O método da observação participante se evidenciou relevante para problematizar as dimensões descritivas para as situações sociais, o que nos permitiu atribuir os seguintes significados aos dados coletados. No que se refere ao *espaço*, visualizamos na fase 1, a ação efetiva de mobilização social junto à Pastoral da Criança com a finalidade de reduzir a mortalidade infantil nas milhares de comunidades do Brasil. A ação nesta fase localiza-se no âmbito do Terceiro Setor, uma vez que na década de 90 a Pastoral da Criança foi considerada uma das mais bem sucedidas Organizações Não-Governamentais (ONGs). Na fase 2, o *espaço* pode ser caracterizado a partir da participação efetiva na sociedade civil, momento em que a Rede conquista, por meio de editais de ampla concorrência, a possibilidade de desenvolver projetos de caráter nacional como as parcerias com o Unicef e com o FUNDESCOLA/MEC. Na fase 3, o *espaço* vivenciado pelos integrantes da Rede ocorre na ambiência das telas. E, do mesmo modo que atores sociais de todo o planeta precisaram ressignificar seus modos de atuação, a Rede se reencontra e se reinventa e, a mobilização social volta à tona, a partir da produção de *lives* com temáticas de intervenção social, em especial àquelas mais urgentes no contexto da pandemia.

---

<sup>12</sup> Seminário realizado em março de 2021. Acesso em 15 maio 2021. Disponível em: <https://www.paulofreirecentennial.org/principal/>

<sup>13</sup> Os programas estão disponibilizados no canal do Youtube da TV Nestante. Disponível em: <[https://www.youtube.com/channel/UC6Hn\\_HgCDTEANf385xLf7GQ](https://www.youtube.com/channel/UC6Hn_HgCDTEANf385xLf7GQ)>. Acesso em 12 maio 2021.

Podemos nos questionar, o que motiva o sentimento de pertencimento de uma rede? O que aspira, de fato, o pertencimento? A trajetória de comunicação e de mobilização social da Rede de Comunicadores Solidários sugere transcender a dimensão tradicional de pertencimento-comunidade, ela se alinha a dimensões ampliadas a partir dos objetivos que a constitui. Podemos considerar ainda, as inúmeras expressões que definem rede, tanto por meio de processos midiáticos quanto nas práticas de movimentos e organizações sociais, além das redes contemporâneas mediadas por novas tecnologias. Quaisquer que sejam as circunstâncias, ao que tudo indica, “O sujeito não tem outro conteúdo que a produção dele mesmo” (TOURAINÉ, 1999, p. 23). É provável que seja exatamente por isso, que pensar identidades pressupõe também pensar comunidade.

Este artigo ao objetivar registrar a trajetória da Rede, coaduna-se com as contribuições de Toro e Werneck (1997, p.75) quando postulam que “os processos de mobilização que não são registrados, não podem ser divulgados, nem servir de exemplos, positivos ou negativos”. É preciso registrá-los enquanto processos - sugerem os autores-, e não apenas enquanto resultados, o processo, advertem ainda, encerra ensinamentos, mais do que resultados por si.

## Referências

ALVES-MAZZOTTI, Ida Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais*. São Paulo: Pioneiras, 1998.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1413-24782002000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 14.05. 2021.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HAGUETTE, Maria Teresa Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis :Vozes, 1987.

HARTMANN, Atílio. Leitura crítica: um lugar de educação para a comunicação? a experiência da UCBC. In: XX INTERCOM - Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação (Intercom 1997). Núcleo de Comunicação e Educação, Santos, SP, 1997.

LACERDA, Juciano de Sousa. Movimentos sociais, redes e comunidades virtuais: um olhar sob vários ângulos da Rede. In: XXIV INTERCOM - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2001). Núcleo de Comunicação e Cidadania, Campo Grande, 2001.

LACERDA, Juciano de Sousa. A internet na gestão dos movimentos sociais. Estudo de caso das estratégias discursivas da Rede de Comunicadores Solidários à Criança. In: Cicilia K. Peruzzo; Denise Cogo; Gabriel Kaplún. (Org.). *Comunicação e movimentos populares: quais redes?/Comunicación y movimientos populares: cuales redes?*. 1ed.S. Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002, v., p. 91-108.

LACERDA, Juciano de Sousa. Todos nosotros que sustentamos la Red - Los vínculos culturales de la Red Brasileira de Comunicadores Solidarios de la Niñez. In: Organización Católica Latinoamericana y Caribeña Comunicación. (Org.). *Redes, gestión y ciudadanía: un analisis desde la comunicación*. 1ed. Quito: Abya Yala, 2002, v. p. 131-151

LACERDA, Juciano de Sousa. Redes digitais de solidariedade social. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXVI, 2003, Belo Horizonte. *Anais...Belo Horizonte*: INTERCOM, 2003.

LACERDA, Juciano de Sousa. *Redes digitais de solidariedade social: as estratégias e táticas de produção de significação em redes sociais de comunicação midiaticizadas pelo digital: um estudo de caso da Recomsol – Rede Comunicadores Solidários à Criança*. 237f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Unisinos, São Leopoldo, 2003.

LACERDA, Juciano de Sousa. A construção de vínculos e coletivos em territórios digitais: Caso Recomsol - Rede de Comunicadores Solidários. In: Cicilia Krohling Peruzzo; Thomas Tufte; Jair Vega Casanova. (Org.). *Trazos de otra comunicación en América Latina: Prácticas comunitarias, teorías y demandas sociales*. 1ed. Barranquilla, Colômbia: Editorial Universidad del Norte, 2011, v. 1, p. 214-239.

MANCE, André Euclides. *A Revolução das Redes*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

PICHELLI, Kátia.; RABELO, Desirée Cipriano. A construção da comunicação para a mobilização na Rede de Comunicadores Solidários da Pastoral da Criança. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXIV, 2001, Campo Grande. *Anais...Campo Grande*: INTERCOM, 2001.

RABELO, Desirée Cipriano; SUZINA, Ana Cristina. A comunicação e os comunicadores na Pastoral da Criança. In: Márcio Simone Henriques; Nisia Maria Duarte Werneck. (Org.). *Visões do futuro: responsabilidade compartilhada e mobilização social*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. , p. 07-140.

SUZINA, Ana Cristina. As redes sociais de comunicação e o agendamento temático positivo. In: VI Congresso da Associação Latino-americana de Investigadores da Comunicação. *Anais... Santa Cruz de la Sierra, Bolívia*, 2002.

TORO, José Bernardo.; WERNECK, Nisia Maria. D. *Mobilização Social, um modo de construir a democracia e a participação*. Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal, 1997.

TOURAINÉ, Alain. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p.7-72.